

CONCEPÇÃO DE FAMÍLIA E VIVÊNCIAS FAMILIARES EM TRABALHADORES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA QUE POSSUEM OFICINAS DE TRABALHO EM SUAS RESIDÊNCIAS

Amanda Mendes Silva – - Uni-FACEF
Bolsista CNPq/ PIBIC
Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro - Uni-Facef

1- INTRODUÇÃO

Corrêa (1982) relata que a família patriarcal é a imagem mais representativa no Brasil, sendo um modelo fixo onde os integrantes apenas são substituídos no decorrer das gerações. Na história brasileira, esta família sempre foi vista como uma instituição que impôs normas e valores morais desde o Brasil Colônia (SAMARA, 2002).

Na família patriarcal, as práticas sociais como a submissão da mulher e o casamento entre parentes eram consideradas como forma de demonstrar a importância da linhagem e de seu contexto histórico dentro da sociedade da época (JOSÉ FILHO, 1998, p.47).

Assim, o modelo de família patriarcal descrita na literatura brasileira clássica estabelece um conceito único e cristalizado sobre a família, no qual as relações eram caracterizadas pela autoridade do chefe de família sobre os negros e sua submissa família (SOUZA; BOTELHO, 2001).

A transformação dessa família patriarcal ocorreu devido ao avanço da industrialização, sendo trocada pela *família conjugal moderna*, típica do mundo urbano e reduzida ao casal com filhos. Neste caso a relação conjugal já não possui mais em sua essência a manutenção de uma propriedade comum ou de interesses políticos, mas agora sua essência está voltada também para a satisfação de impulsos sexuais e afetivos (CORRÊA, 1982).

Para Mello (2000), o modelo da família nuclear tradicional, marcada pela figura do pai como chefe de família e pela mãe que vive em função da educação dos filhos e do zelo pela casa, é aclamado pelas pessoas e até mesmo pela mídia, que o veicula como um modelo ideal de família.

De acordo com Henriques; Féres - Carneiro e Magalhães (2006) atualmente, há três tipos de família que são: a tradicional, caracterizada pela autoridade paterna; a moderna, caracterizada por ser mais nuclear e influenciada pelo individualismo, sendo pouco ligada a laços de parentesco e há também, a pluralística, caracterizada pelos novos arranjos familiares, sendo mais flexíveis e igualitárias e menos permanentes.

Os mesmo autores chegaram a conclusão de que o espaço familiar, enquanto lugar de confiança e conciliação pode representar um ideal de convivência contemporâneo, uma segurança que ninguém talvez queira renunciar e até mesmo um local de resistência ante uma sociedade globalizada, caracterizada pela ausência das referências tradicionais estáveis.

Para Szymanski (2000) é preciso levar em consideração que a família vai se constituindo a partir de sua singularidade, a partir do seu cotidiano único e de suas ações. José Filho (1998) acredita que a família, apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo, possui um papel fundamental no desenvolvimento da socialização e da afetividade. Portanto, ela não é somente uma rede de relações, mas também é uma união de papéis que devem ser trabalhados dentro da convivência social dos indivíduos.

Segundo as pesquisas realizadas por Romanelli (2000), pode-se notar que algum tempo atrás o relacionamento entre pais e filhos era exercido pela autoridade parental, o que acabava por ocultar e até mesmo distanciar todo tipo de afetividade. Em tais tipos de relacionamento, frutos do modelo hegemônico de família nuclear, a ação socializadora do pai estabelece uma diferença com a ação socializadora da mãe, porque o pai está mais associado com a ação, enquanto que a mãe está associada com a passividade, característica feminina de tempos mais remotos. A incumbência da mulher de preparar seus filhos para a sociedade é mediada entre a autoridade e a afetividade que já é decorrente do vínculo entre mãe e filho desde o período da gestação.

De acordo com toda essa mudança de estrutura familiar, juntamente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, o homem passou a participar mais da educação e dos cuidados com o filho. Esse fator então, propiciou uma melhoria tanto para os filhos como para a mulher que passou a obter maior apoio do homem na participação na vida dos filhos. Isso evidencia a superação do homem que passou do papel de provedor familiar, para um papel de maior engajamento na educação

dos filhos, favorecendo então, a qualidade do envolvimento com sua prole (CIA et al., 2006).

Apesar das mudanças observadas nas concepções de família, as pessoas demoram a se modificar e, para completar, hoje coexistem vários modelos de família que podem ser explicados por alguns fenômenos sociais como: o aumento de casas formadas por pessoas que não são da mesma família; diminuição da quantidade de pessoas por família; crescimento dos divórcios; crescimento de casais sem filhos; “hierarquias” que anulam o padrão da típica família nuclear, como por exemplo, quando a mulher é o “chefe” da casa (CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

Bilac (2000) também faz uma reflexão acerca dos diferentes estilos familiares que correspondem a novos papéis saindo do padrão de parentesco. Essas novas mudanças estão ocorrendo devido às transformações no mundo da mulher, o que afeta também o papel masculino. Tais mudanças observáveis podem levar a conclusão do fim do modelo familiar institucional, o que pode guardar uma forte relação com o individualismo presente na contemporaneidade.

Ao fazer um retrospecto a respeito da história do município no qual a pesquisa está sendo realizada, Mendes (2005) afirma que houve atividade pecuária desde a origem de sua ocupação, em meados do século XVIII. Tal tendência contribuiu para a produção de artigos de couro no local, especificamente calçados, uma vez que havia matéria-prima abundante para fábricas, curtumes e sapateiros. Então, já no século XIX, a cidade se tornara grande em artesanato, produção curtumeira e fabricação de calçados.

No período de 1910, predominavam as oficinas artesanais conjugadas às casas, que produziam selas, arreios, chinelos, calçados, botas, entre outros. O trabalho era totalmente manual, com a utilização do “prego e da banquetta”.

O trabalho a domicílio, característico da fase pré-fabril do capitalismo, persistiu por muito tempo como forma produtiva predominante na indústria do calçado mesmo em um estágio avançado do capitalismo, e tem ainda presença significativa nesse segmento até os dias de hoje (BARBOSA; MENDES, 2003, p. 64).

Ainda de acordo com o mesmo autor, foi na década de 30 que houve a transição da fase artesanal para a manufatureira. Houve então uma combinação do trabalho manual intensivo com o uso de algum maquinário para tarefas que poderiam necessitar mais força braçal. Na realidade em questão, foi muito comum

depara-se com fabriquetas no fundo de casa que eram responsáveis por grande parte da produção de calçados, sendo também, um local criador de mão-de-obra.

Então na década de 70, com a expansão da produção voltada para o mercado externo, criou-se uma ampliação do número de unidades produtivas e houve grande oferta de empregos no setor. Assim, com tanta demanda dentro das fábricas, o espaço físico ficou limitado, e parte da produção passou a ser realizada, nas residências de trabalhadores. Multiplicaram-se as bancas de pesponto e a costura manual. O trabalho domiciliar passa, então, a ser novamente estimulado (MENDES, 2005).

No início havia costuradeiras que mantinham estreita relação com a indústria para a qual trabalhavam, conservando vínculos empregatícios. Gradativamente o trabalho em domicílio passou a ser repassado das costureiras para as suas amigas, vizinhas e parentes, contribuindo para que a relação entre as pessoas envolvidas neste trabalho fosse se distanciando da empresa. Assim, cada vez mais, as relações formais entre costuradeiras e empresas foram diminuindo.

Na realidade local, onde espaço doméstico se transformou em unidade produtiva, acabou por influenciar aspectos do cotidiano de trabalhadores, e sua maneira de pensar e viver as relações familiares. “Em muitos casos, não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa” (BARBOSA; MENDES, p. 65, 2003).

Assim, faz-se necessário compreender a dinâmica social de famílias que fazem parte deste contexto singular, levando em consideração questões acerca do quanto as transformações produtivas estão influenciando os modos de convivência familiar ou interferindo nos padrões de relação.

2- MÉTODO

A pesquisa realizada adota uma abordagem qualitativa que, segundo Minayo (1996), consiste em abordar aspectos subjetivos da população estudada, tomando o indivíduo em seu contexto social, levando em consideração suas singularidades. Em adição, André (2001) afirma que a pesquisa qualitativa tende a focalizar o sujeito quanto às suas ações e sua linguagem.

O estudo em questão também utiliza a prática etnográfica para a investigação da realidade, proporcionando uma compreensão minuciosa do cotidiano dos participantes da pesquisa (ANDRÉ, 2001).

Rockwell (1986, apud Andrade 1990), defende que a etnografia complementa os dados coletados em campo com informações relativas ao meio social, interpretando-os a partir de elementos externos à situação particular, além de conceber os objetos de estudo sempre como processos sociais.

Partindo desta perspectiva, o atual estudo foi realizado em duas etapas. Numa primeira fase foi realizada observação participante em dez residências de um bairro tipicamente operário, onde, na maior parte das casas, o trabalho é informal e domiciliar. Numa segunda etapa foram realizadas nove entrevistas individuais com membros de três famílias. Em cada uma delas foram entrevistados o pai, a mãe e o filho mais velho do casal, com idades entre 13 e 17 anos. Os dados obtidos passaram por uma análise de conteúdo tradicional (Bardin, 1977), devendo ainda passar por uma análise hermenêutica-dialética.(MINAYO, 1996).

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- Contextualização

O bairro no qual a pesquisa está sendo realizada é novo, distante do centro da cidade, tendo sido formado por um programa de habitação popular da Caixa Econômica Federal em parceria com a Prefeitura da cidade, no ano de 2003. É um bairro de casa populares que possuem um modelo padrão, mas que já vêm sofrendo modificações. Há uma associação de moradores bastante efetiva, sendo que todos os moradores conhecem os líderes comunitários que, ao longo dos cinco anos de existência do bairro, obtiveram muitos benefícios para a comunidade.

Foram observadas 10 residências, sendo 7 casas com costura manual e 3 casas possuidoras de bancas de pesponto¹. Nas casas onde há costura manual, o trabalho de pespontar é realizado na sala e, algumas vezes, na varanda. Nas residências observadas, as mulheres costuram sapatos sentadas em bancos de madeira ou no sofá, assistindo televisão, ouvindo rádio ou conversando com os vizinhos. Já as bancas são localizadas nos fundos das casas, separadas por um muro ou por um corredor.

3.2 – Entrevistas individuais

Será apresentada uma discussão preliminar acerca dos resultados obtidos nas entrevistas individuais. Foram entrevistadas nove pessoas, provenientes de três diferentes famílias², as quais podem ser visualizadas a seguir:

FAMÍLIA nº 1

Entrevistado	Cecília	Pereira	Gislaine	José (não foi entrevistado)
Idade	38	40	14	10
Estado civil	Casada	Casado	Solteira	Solteiro
Escolaridade	4ª série do Ensino Fundamental	5ª série do Ensino Fundamental	Cursando 8ª série	Cursando 3ª série
Origem/ Cidade natal	Rural/ Fazenda em Ituverava	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca
Ocupação	Dona da banca de pesponto/ coladeira de peça e pespontadeira	Supervisor da banca/ colador/ pespontador	Estudante	Estudante

FAMÍLIA nº 2

Entrevistado	Camila	Roberto	Gisele
Idade	41	46	18
Estado civil	Casada	Casado	Solteira
Escolaridade	8ª série	3º colegial	Cursando o 3º colegial
Origem/ Cidade natal	Urbana/ Pedregulho	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca
Ocupação	Pespontador	Pespontadeira	Trabalha em escritório

FAMÍLIA nº 3

Entrevistado	Rita	Marcelo	João	Gabriel (não foi entrevistado)
Idade	38	36	11	4
Estado civil	Casada	Casado	Solteiro	Solteiro
Escolaridade	1º colegial	2º colegial	Cursando 6ª série	Pré-escola
Origem/ Cidade natal	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca	Urbana/ Franca
Ocupação	Pespontador/ pedreiro	Pespontadeira	Estudante	Estudante

Um primeiro aspecto observado nos relatos dos entrevistados foi a reprodução de um discurso genérico e estereotipado sobre família, pois a maioria citou jargões populares, dizendo que família é a base da sociedade, é segurança e o que há de mais importante na vida das pessoas. Somente Gislaine, a filha mais velha da família número um, discorreu acerca das discussões, apontando um aspecto vivencial da família, como pode ser observado em seu relato:

...tem hora que é bom família, sabe. Agora tem hora que enche o saco...Agora é ruim quando fica brigando com você, danando assim sabe: "ah, cê num faz isso, ah ce num faz aquilo, ah minina, ce é muito chata... que num sei que que tem. Aí essa parte...aí eu vô pro meu quarto, saio xingando todo mundo e tranco lá (risos).

Esse discurso apresentado pelas três famílias entrevistadas vai de encontro com Henriques; Féres – Carneiro e Magalhães (2006), que chegaram à conclusão de que o espaço familiar é visto enquanto lugar de confiança e conciliação podendo representar um ideal de convivência contemporâneo, uma segurança que ninguém talvez queira renunciar.

Outro aspecto que converge com a literatura pesquisada de Mello (2000), é a visão acerca dos papéis de pai e mãe para os entrevistados. Os entrevistados das famílias 1 e 2 unanimemente relataram a maior presença da mãe na educação e cuidado com os filhos, sendo a mulher aquela que exerce o papel de cuidadora, estando mais próxima do filho. Nesta mesma direção, Pereira, pai da família 1, relatou sua ausência enquanto pai, como pode ser observado em seu relato:

Mas igual aqui em casa, assim, acaba sendo mais a Cecília.(...) então tem hora que eu acabo deixando passar livre assim, né, deixar mais pra Cecília. (...) O meu papel tinha que ser de ajudar a educar, fazer tudo, mas... eu deixo muito a desejar isso, né. Ela sempre me cobra isso. Tem vez que eu reconheço que num to né, mas mesmo assim acabo deixando, né...eu sou meio tranqüilo, deixo as coisa acontecer (...)

Já na família 2, apesar do pai mostrar que o maior cuidado vem da mãe, fala de sua abertura para o diálogo e proximidade com a filha. Segundo Braz; Dessen e Silva (2000), ainda hoje são as mães as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos e pelas atividades domésticas, enquanto que a participação dos pais no cuidado dos filhos é bem restrita.

Diferentemente, na família 3 observou-se um equilíbrio no cuidado com os filhos entre pai e mãe. Rita e Marcelo disseram que os dois educam juntos, não pendendo para o lado de nenhum a responsabilidade no cuidado e educação dos

filhos. Marcelo também vê o papel do pai enquanto aquele que corrige o filho, e Rita chega a fazer elogios ao marido enquanto pai, pois está sempre presente na vida dos filhos:

Aí o Marcelo é raro, viu, porque ele é um pai muito companheiro, demais da conta, tem hora que eu acho que ele até estraga, de tanto que ele mina (...) pra falar a verdade, ele como pai, olha, eu tiro o chapéu, porque é raro o pai companheiro, e esse aí, foi desde quando os menino nasceu (Rita)

Tal fato vai de acordo com Romanelli (2000), quando afirma que hoje os pais afirmam ter uma maior proximidade com os filhos, diferentemente de algum tempo atrás onde a mãe era a mais próxima e mais afetiva com seus filhos.

O fato de haver mais diálogo e também maior presença do pai nas famílias 2 e 3, é característico das afirmações de Cia et al (2006) relatando que o homem, nos últimos tempos, passou a participar mais da educação e do cuidado com os filhos, oferecendo a mulher maior apoio no cuidado com os filhos.

Um outro aspecto também muito evidente nas entrevistas foi a forte presença do discurso religioso na educação dos filhos. Na família 3, Rita relata que os pais têm a responsabilidade de fazer com que seus filhos sejam uma benção, e que é mais fácil educar os filhos na igreja:

*Olha, o cuidado que nós passa muito pra ele, igual nós sempre fala, né, foi uma das melhores coisas, a gente ir pra igreja. Foi aonde você educa seu filho com mais facilidade, porque eles começa a ter o entendimento da palavra, então se você criar seu filho, na minha opinião, se ele ter uma religião... Então ficou bem mais fácil, meus filhos, pra mim hoje, é uma benção, porque, mas isso aí, os pais também são responsáveis por seus filhos ser uma benção, porque o filho é aquilo que o pai e a mãe deixa ele ser.
– Relato de Rita*

Quanto à influência do trabalho nas relações familiares, uma vez que o espaço doméstico se transformou em espaço de trabalho, a maioria dos entrevistados colocou que esta situação gera muito desgaste e conflitos conjugais, uma vez que, em todas as famílias entrevistadas marido e mulher trabalham juntos, ou já passaram por essa experiência.

Para a família 1, esse fato além de gerar desgaste e conflitos na relação conjugal, segundo Pereira, também influencia na relação com os filhos. Ele justifica sua ausência enquanto pai pelo excesso de trabalho. Por não haver um horário fixo de trabalho, ele diz que acaba permanecendo mais tempo na banca e menos tempo

dentro de casa. A filha Gislaine que critica o fato dos pais trabalharem excessivamente, apontando que isto gera discussões dentro de casa.

Assim como na família 1, Camila, mãe da família 2, reclama do desgaste da relação familiar por não haver um horário fixo de trabalho. Roberto, o pai, também fala de alguns conflitos entre marido e mulher gerados pelo trabalho, mas afirma sua preferência por trabalhar em casa e com sua esposa. Ele afirma que a experiência que tiveram de trabalharem juntos no mesmo ambiente, possibilitou um conhecimento mais profundo de um pelo outro. Já a filha Gisele critica o trabalho dos pais por tomar muito o tempo deles, além de reclamar de que o diálogo em casa acaba girando, na maior parte das vezes, sobre o tema trabalho.

Enquanto as famílias 1 e 2 falam do desgaste da relação e dos conflitos de se trabalhar em casa com o cônjuge, a família 3, principalmente Rita (mãe), fala das vantagens de se trabalhar com o cônjuge no mesmo ambiente. Ela diz que não compensa trabalharem separados e nem com funcionários para não correrem o risco de terem pessoas estranhas se envolvendo em suas vidas pessoais. Seu relato pode ser observado a seguir:

Já tivemos (funcionários), num compensa, entendeu, ocê por gente estranha na sua casa, eu num gosto! E fora que, num compensa na hora que ocê receber, aí num compensa não, aí resolveu ficar só nós dois, a partir do momento que ficou só nós dois, compensou mais, compensou porque a pessoa num envolve na sua vida, num sabe seu dia-a-dia. Então eu acho que a vida da gente é melhor, só nós dois trabalhamos.

Na mesma família, Marcelo (pai) fala das desvantagens caso ocorra desavenças familiares, fato que prejudicaria o trabalho e o relacionamento familiar.

4- CONCLUSÕES PRELIMINARES

De acordo com os resultados obtidos, pode-se dizer que quando os entrevistados caracterizam genericamente a família, o fazem reproduzindo o discurso estereotipado, baseado em modelos tidos socialmente como ideais. Observa-se ainda, a presença de rigidez nos papéis atribuídos à mãe e ao pai quando são relatadas as ações, mesmo que nos discursos já haja uma flexibilização. Assim, parece existir um discurso politicamente correto, facilmente reproduzido pelos entrevistados, mas difícil de ser vivido. Quanto à convivência familiar em ambientes em que trabalho e vida doméstica se misturam, predominaram os discursos

negativos, que apontaram o desgaste da relação conjugal, além de perdas relacionais por conta do trabalho excessivo.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da Prática Escolar**, 3. ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa; Mendes, Alexandre Marques. Capital trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas públicas e Sociedade**. Revista do Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, v.1, n.5, Jan.- Jun./ 2003, p. 63- 71.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. Lisboa, 1977.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A família contemporânea em debate. In: BILAC, Elisabete Dória. **Família: algumas inquietações**, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.29-38.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A família contemporânea em debate. In: MELLO, Sylvia Leser de. **Família: perspectiva teórica e observação factual**, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.51-60.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A família contemporânea em debate. In: ROMANELLI, Geraldo. **Autoridade e poder na família**, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.73-88.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). A família contemporânea em debate. In: SZYMANSKI, Heloísa. **Teorias e “Teorias” de famílias**, São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000, p.23-27.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Out 2006.

CIA, Fabiana et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, jan./ abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 07/12/06.

CORRÊA, Mariza. "Repensando a família patriarcal brasileira (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil)". In: CORRÊA, Mariza (org.). **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, São Paulo, v. 16, n.35, p. 327-336, set – dez, 2006.

JOSÉ FILHO, pe Mário css. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Tese de Doutorado - Programa de Pós – Graduação em Serviço Social – UNESP, Franca, 1998.

MENDES, Alexandre Marques. **Classe Trabalhadora e Justiça do Trabalho: experiências e expressões do operário do calçado (Franca-SP, 1968-1988)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus de Araraquara, como requisito parcial à obtenção do título do Doutor em Sociologia, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. **O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçado**. São Paulo: Pespec. [online]. v. 17, n. 2 (citado 20 julho 2005), p. 32-41, Abr/jun 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.php?script=sciortext&pial=s0102-88392003000200005&lng=pt&nrm=isso>. ISSN0102-8839>. Acesso em: 12 out. 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira?: da Colônia à Atualidade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 Out 2006.

¹ Segundo Navarro (2003), a banca de pespontos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespontos, costura e enfeites. Elas compõem o cenário do trabalho informal realizado por pessoas que, antigamente, trabalhavam em fábricas de calçados e que atualmente, continuam exercendo sua profissão, mas em um outro

espaço: o espaço doméstico. É uma realidade onde dificilmente separa-se o trabalho do cotidiano familiar.

² Os nomes dos entrevistados são todos fictícios a fim de preservar suas identidades. Todas as entrevistas foram realizadas no período de outubro e novembro de 2007.